

Chegou o momento de construir*

— Ensaio geral para discursos políticos

*A relação da juventude com a política, no geral, e a relação de cada aluno com a política, em particular, foram os motes do primeiro registo em Design de Comunicação V. Como reação à leitura de “Os jovens estão a desistir da política, e a política parece prescindir deles” (Paulo Pena, Público, 31.1.16), cada aluno construiu a sua resposta às perguntas:

- Porque desistem os jovens da política?
- Porque desistiu a política dos jovens?
- E eu, desisti da política?

A partir da sua própria experiência e posição pessoal, devidamente informada pelos argumentos, obras e autores que considerasse úteis, cada aluno expôs as suas respostas através de uma apresentação oral e de uma apresentação impressa. Partimos da noção de retórica e das suas componentes discursivas (Dispositio, Elocutio, Memória, Ação e Prolepse) para chegar a uma formalização exploratória do discurso (afim ao modelo artístico da lecture-performance) e testar o potencial, objetivos e princípios da oratória política.

Os jovens e o destino

Marta Gaspar

(epílogo)

“[...] A política consiste antes de mais em mudar os lugares e o cálculo dos corpos. Neste sentido, a figura política por excelência é a metonímia, que mostra o efeito em vez da causa ou a parte pelo todo.”

Jacques Rancière (2010), *O Espectador Emancipado*

Jovens e o destino pretende ser uma conversa, entre o jovem e a política.

O que é realmente a política? O que nos afasta? Somos nós os únicos a afastarmo-nos?

Quando é que a política nos diz respeito? A partir do momento em que passa a pertencer ao nosso vocabulário e a fazer parte da nossa vida.

Jovens e o Destino reúne um conjunto de testemunhos retirados de um questionário realizado entre o 21 e 28 de Fevereiro de 2016. Foram inquiridos dezasseis jovens a partir de uma rede social; apenas nove responderam por mensagem privada.

“O sistema político alimenta-se da ignorância dos jovens e retira-lhes direitos enquanto cidadãos. Desumanizado, o cargo dos políticos, tornou-se intocável, sem qualquer valor ético e/ou social. Meras figuras mediáticas ou alimento dos *media*, os políticos converteram-se em imagens de propaganda, capazes de acalmar as massas através de distrações constantes. Baseada numa filosofia capitalista, a atual sociedade, rege-se por barreiras aristocráticas, dissimulando as principais necessidades do povo, nomeadamente dos jovens. Os jovens não se sentem representados pelo dúbio sistema político partidário. Não se reveem na oferta de sistemas, partidos, candidatos. Sem convicções, deixam-se cair no desinteresse político e na consentida ignorância.” (Sexo feminino, 22 anos)

A política e o destino. De quatro em quatro anos elegemos um primeiro-ministro. De 5 em 5 um presidente da república. Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades. Esta poderia ser uma expressão que bem caracteriza o “grande” Portugal, do século XX e XXI. Nos anos 1980 e 1990, a promessa da prosperidade portuguesa emanava no ego português; a confiança tornava o homem cada vez mais forte; o fado cantava-se de outra forma; o fio do horizonte parecia não ter fim. O certo é que depressa o “sr. doutor” de outros tempos foi atingido pelo vírus do amor pelo povo e virou político, tal como se de uma epopeia do Camões se tratasse. O que fez de nós o que somos hoje? Bate o pé e põem a ferradura. Os políticos, afetados por uma miopia profunda, fizeram crer numa realidade utópica, criando uma situação ingovernável. O País, o “grande”, depressa

passou ao dedo mindinho da Europa. E os portugueses? Voltaram ao mesmo de sempre...Ai o meu destino!

O País vende-se. Vende-se a sardinha e o caldo verde, vende-se o pastel de bacalhau, vende-se o pastel de nata e o vinho do porto, vende-se Portugal. "Olha o povo fresquinho. É com pêlo e sem pêlo, dá p'ró menino e p'rá a menina. E agora? Anda o cavaquinho de rabinho para a rua quando noutros tempos cantava com a riqueza e a fortuna." Olha o destino! Coitado do português! Fado, ou destino, o português arranjou forma para cantar a sua dor, as amarguras e riquezas da vida. Que relação é possível entre este destino e a política?

Antes de falar de qualquer faixa etária, há que olhar para um contexto e uma cultura. No povo português existe um certo costume para a lamentação, para a mesquinhez, para apenas olhar para o seu próprio umbigo.

As pessoas perderam o interesse pela política e a política perdeu o interesse pelo interesse dos outros. Tudo de uma forma muito natural.

Quem desistiu de quem? Isto não deveria ser um jogo de culpas. Assim como a questão porque os jovens desistem hoje parece ser.

"A política também não desistiu dos jovens. De uma forma geral, deixou de ser reconhecida pela sociedade como algodão natural como respirar. A 'política' que conhecemos é uma construção complexa, que define normas e comportamentos a serem cumpridos; é algo destinado a um conjunto restrito de pessoas, as eleitas." (Sexo feminino, 21 anos)

"No caso português, o voto democrático veio significar uma desresponsabilização brutal e integral de tudo o que se desenvolve durante os anos pós-tumos às eleições. Na verdade, votar é quase como uma boa-ação-pseudo-clubística que te tranquiliza durante quatro anos: há sempre alguém a tomar as decisões por nós e então está tudo bem." (Sexo feminino, 22 anos)

"Eu não desisti da política porque nunca tive perto o suficiente para me poder afastar. O tema não foi debatido em casa nem na escola. De fora, vejo discussões, desacordo e um constante descontentamento. Isto desmotivava-me. Nos últimos tempos a situação tem mudado um pouco e vou lentamente entrando no assunto, mas o problema é que continuo cética. Não confio (porque não posso) na televisão e nos jornais, tal como não confio no sistema alimentar, nem no de saúde, nem no da educação. Somos constantemente iludidos por o que nos rodeia de modo a promover um sistema capitalista e a nossa alienação da vida. Por consequência, como poderia eu confiar no governo?

Neste momento até duvido que o sistema político esteja bem organizado, porque falha constantemente. Muitos dos jovens da minha geração estão perdidos nessas alienações. Deprimidos a pensar como vão acabar o curso, se vão ou não arranjar trabalho, ou aguentar um trabalho que não gostam e/ou que é mal pago. Vivem frustrados. Por isso é normal que não se interessem por política, se não tiveram uma educação nesse sentido. Muitos não têm tempo sequer de pensar nisso, e os que tenham precisam de dedicar o tempo a coisas que os descomprimam. Procuram fazer ou falar de coisas de que gostam. Não querem dedicar o tempo a assuntos que exaltam os nervos e dão dores de cabeça, porque não são incentivados a tal e porque disso não lhes falta." (Sexo feminino, 22 anos)

"Os jovens, sendo de uma geração mais recente, fruto de gerações anteriores, como a geração dos atuais políticos (pré ou pós 25 de Abril), não têm a mesma ética e os mesmos valores, ou seja não se identificam com os políticos que representam o seu país. Os jovens não desistiram da política, desistiram de quem, para eles, está associado a ela." (Sexo Masculino, 22 anos)

O problema é que todos desistem diariamente por alguma razão. Mas o desistirem de hoje foi o desistir de outros noutros tempos. Quando o interesse pela política se desvanece não é porque se trate de um assunto entediante. Mas por tudo aquilo que a política significa hoje. Para quem então participar se há quem

decida por nós? Olha o destino!

“Os jovens desistiram da política porque estão demasiado interessados em assuntos menos aborrecidos. Estão cada vez mais dependentes dos pais e por isso deixam para os ‘adultos’ esse tipo de assuntos que no fundo não lhes interessam porque ainda acham que é cedo para lidarem com coisas que vão fazer parte do seu dia-a-dia mais tarde.” (Sexo Feminino, 17 anos)

Na verdade os jovens não são os únicos a afastarem-se. É um ciclo vicioso: ninguém se deu ao trabalho de explicar o que era a educação, a política e o dever civil, e agora? “Somos uns desgraçados, puseram-nos na miséria, não há futuro. A culpa é daquele vigarista que está no poder”. NÃO. É culpa é de todos, existe miséria em todo o mundo, e a nossa miséria é a de todos. Agora eu desistir?

“Conclusão. Sou assumidamente despolitizada. Não o quero ser sempre e não acho que seja bom sê-lo. Hei de chegar à política por mim.” (Sexo Feminino, 22 anos)

“Eu desisti da política porque não existe nenhum partido que satisfaça realmente as minhas pretensões. A política está cravada de pessoas oportunistas, que usam meios pouco explícitos para atingir os fins. Todos esses processos fizeram-me desacreditar do meio político e daqueles que o compõem.” (Sexo Masculino, 26 anos)

Eu não.